FERNANDO CALDEIRA

MANTILHA DE RENDA

A MANTILHA DE RENDA

FERNANDO CALDEIRA

A MANTILHA DE RENDA

COMEDIA EM VERSO

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO DIARIO DA MANHÃ
79 — RUA FORMOSA — 79
1880

A MINHA MÃE

off. e ded.

Fernando Affonso Geraldes Caldeira.

PERSONAGENS

PERSONAGENS	IDADES	VESTUARIO
Helena	18 annos	Toilete de passeio, d'inverno muito elegante e simples.
Elina.........	18 annos	Idem e mantilha de renda preta.
Henriqueta.	60 annos	Vestido escuro. — É uma governante, mas senhora. — Usa de caracoes.
Raphael.....	22 annos	Baile.
D. Luiz	22 annos	Baile. — Entra com as calças dobradas em baixo, de gabão e guarda chuva.

Foi representada a primeira vez na festa artistica de Augusto Rosa, em 14 de Abril de 1880, com um desempenho verdadeiramente notavel, tendo a seguinte distribuição:

HELENA — Rosa Damasceno
ELINA — Virginia da Silva
HENRIQUETA -- Anna Pereira
RAPHAEL — E. Brazão
D. LUIZ — Augusto Rosa

ACTO I

SCENA

A scena representa o gabinete de trabalho ou escriptorio de um rapaz muito elegante e muito desarranjado. — Fundo, uma porta ao centro e uma janella de cada lado dando para um pateo ajardinado. — Entre a porta e a janella D. um contador antigo, entre a porta e a janella E. uma commoda antiga. — Entre as cortinas da janella E. uma floreira com «fougeres» e flores naturaes. — Lado direito, porta D. A. com reposteiro. Em D. B. um fogão com pendula. — Entre o fogão e a porta D. A. estante de livros e, muito desviado da parede um bufete antigo e pouco mais abaixo fauteuil e cadeira; sobre o bufete um candieiro acceso; um album, tinteiro, papeis e livros em desordem, assim como sobre outro sofá proximo superior ao bufete. Cadeira d'estudo ou d'espaldar antiga, proxima ao bufete e de costas para a scena. Lado esquerdo. — Portas com reposteiros E. A. e E. B. Entre as duas e tão desviado da parede, que dá larga passagem, um piano vertical de costas para a scena. Junto d'elle e costas com costas um divan com duas almofadas. — Abaixo do piano e pouco mais ou menos fronteiro á porta E. B. um fauteuil, que depois o actor collocará a tres quartos para o publico sem o desviar do ponto, em que pelo piano fique mais encuberto para a porta F. e plano superior da scena, excepto para a janella F. E. São indispensaveis um lenço escuro e ordinario, como esquecido sobre as costas da cadeira d'estudo e n'uma das gavetas da commoda, entre outros objectos de vestuario, um «couvre-pieds,» cujo forro seja escarlate ou em que predomine essa cor. — Nas paredes, sobre o contador e aos cantos, estatuetas, armas antigas, quadros e objectos d'arte, devendo toda a decoração do gabinete denunciar n'uma extravagante desordem o gosto elegante e tendencias artisticas do seu proprietario.

A acção dá-se em Lisboa.

SCENA I

RAPHAEL e HENRIQUETA

RAPHAEL *(lá dentro chamando.)*

Henriqueta?...

HENRIQUETA *(arrumando no movel da roupa, alto.)*

Lá vae, lá vae. *(Só.)* Que pressa!...
Desarranja-me tudo e então depois
quer que eu encontre as coisas!... Ora pois!...
E ha d'ir tudo a vapor!... Ai! que cabeça!...

2

RAPHAEL *(entrando E. B. com impaciencia e trajando calça preta, sapato, collete de baile ainda desabotoado.)*

Mas, pelo amor de Deus!...

HENRIQRETA *(correndo a elle com uma gravata branca.)*

Aqui tem, credo!
que pressa!...

RAPHAEL

Ata lá isso, mas com geito
(fazendo-lhe festas na cara)
e depressinha, sim?...

HENRIQUETA *(dando-lhe o laço.)*

Se o quer bem feito,
não entre já com pressas. Inda é cedo
para chegar ao baile.

RAPHAEL

Não, menina...
enho inda que fazer...

HENRIQUETA *(sorrindo.)*

Menina! gosto...

RAPHAEL *(comicamente.)*

Menina, pois então! menina e moça...
Ha traços virginaes nas rugas do teu rosto,
que o teu chinó de caracoes adoça.
(Pausa, pensando.)
De que se faz a palha, sabes?...

HENRIQUETA *(um pouco espantada.)*

De herva...

RAPHAEL

Exactamente, e sabes muito bem
que, quem quer feno, poupa o azevem?

HENRIQUETA *(achando disparate.)*

Portanto sou donzella!!...

RAPHAEL

De conserva...
por isso eu te amo, velha...

HENRIQUETA *(rindo.)*

Então?!... juizinho...
(Acabando de dar o laço.)
Está prompto...

RAPHAEL *(prendendo-a.)*

Inda bem. Agora espera,
repara bem, mas has de ser sincera;
cheirei-te agora alguma cousa...

HENRIQUETA

A vinho?...

RAPHAEL

Não, tolinha. A cognac principalmente.
Não te cheiro a cognac?...

HENRIQUETA *(cheirando-lhe o halito.)*

Nada...

RAPHAEL

Talvez
te cheire a Porto, vê, vê lá...
(Abrindo a bocca ao pé da cara d'ella.)

HENRIQUETA

Não acho.
E a Madeira?... Bourgogne?... então Xerez?

HENRIQUETA

No cheiro só conheço o do Cartaxo.

RAPHAEL *(muito comico.)*

Cartaxo!... Só conhece... *(Enternecido.)* Eu te venero
a ti e ao teu Cartaxo.
(Apertando-lhe a cabeça nos braços.)

HENRIQUETA *(arranjando o chinó formalisada.)*

Tenha sizo.
Se quer ser homem...

RAPHAEL *(atalhando.)*

Quero, filha, quero...

HENRIQRETA *(continuando.)*

É mais que tempo de tomar juizo.
Quer o menino ver? Ao que parece,

bebeu hoje de mais, o que é bem feio
e sente-se toldado...

RAPHAEL

Meio, meio...

HENRIQUETA

Vem então ver se acaso se conhece...

RAPHAEL

Justamente.

HENRIQUETA

Pois, bem, pode ir sem medo.
Ninguem lh'estranha a sua má cabeça;
ou com vinho ou sem elle, ouça em segredo,
o juizo nunca o perde.

RAPHAEL *(com prazer sincero.)*

Tens notado?!

HENRIQUETA *(rindo.)*

Porque o não tem, coitado! e morre assim...

RAPHAEL *(sorrindo.)*

Sou, sou... doido...

HENRIQUETA *(atrapalhada, com receio de que elle as veja.)*

No pateo entrou gente.
(Indo á janella.)
Hão de ser as pequenas... *(Vendo.)* Justamente.

RAPHAEL *(dando um passo para a janella.)*

As taes visinhas lindas?

HENRIQUETA *(detendo-o e muito dissimulada.)*

Isso sim!
Bonitas não são ellas...

RAPHAEL *(rindo.)*

N'esse caso
ensina-lhes a ellas ou á mãe
como se faz o feno do azevem
(Sae E. B. por onde entrou.)

SCENA II

HENRIQUETA e depois HELENA e ELINA

Safa, que se elle as via, por acaso...
Deus me livre!... Olha quem!... Tem-me valido
o dizer-lhe, que são a qual mais feia...
e a ellas *(rindo)* tudo o que me vem á idèa,
que lhes tire d'alli todo o sentido.
E, oxalá que eu m'engane... mas Elina,
se falla n'elle, córa por costume.
Ora, eu não sei, mas quem não imagina
o perigo da estopa ao pé do lume?...
(Vê-se pela janella F. D. Helena e Elina atravessando para a porta.)
São ellas, são. *(Alto.)* Lá vou abrir, lá vou.
(Ouvindo bater de leve á porta e indo abrir.)
Já sei... já sei quem é.
(Abrindo.)

HELENA *(no acto de entrar.)*

Dona Henriqueta.
Somos nós, dá licença?

HENRIQUETA *(abraçando-as e bei-
jando-as.)*

Ora, se dou...

ELINA *(depondo a mantilha e um
ou dois pacotes de compras.)*

Julgámos, q'estivesse na saleta
do serão.

HENRIQUETA *(beijando-as e revendo-
se n'ellas.)*

Duas flores... e que flores!!...

HELENA *(depondo um ou dois pa-
otes de compras.)*

É dos seus olhos, que nos querem bem.

HENRIQUETA

Pois não foste!... Óra esperem, meus amores,
que eu volto n'um momento...

ELINA

E minha mãe?

HENRIQUETA

Já lá está dentro, ha mais de meia hora,
na sala do serão... Toda em cuidado,
por andarem tão tarde lá por fóra...
E eu então, já se vê, feita advogado...

HELENA *(tirando a mantilha.)*

Muito lhe agradecemos.

RAPHAEL *(gritando dentro.)*

Ó menina?...

HENRIQUETA *(sobresaltada.)*

Lá vou.

ELINA *(querendo sair, assustada.)*

Valha-me Deus! estava em casa
o senhor Raphael!!...

HELENA *(detendo Elina.)*

Espera, Elina...

HENRIQUETA *(com mysterio e rindo, caminhando.)*

Elle hoje tem o seu grãosito na aza...

ELINA

Oh! não o faça esperar...

HENRIQUETA *(á porta. E. B.)*

Óra, está visto...
Vão entrando, que eu volto.

ELINA *(cheia de medo.)*

Sim, vá, vá...

HELENA

Vamos lá a cima, a casa, deixar isto
(indicando os embrulhos, compras)
e buscar o serão.

HENRIQUETA

Pois até já.

SCENA III

HELENA e ELINA

HELENA *(reprehensivamente.)*

Tu fazes-me o favor de me dizer
de que é que tens receio?... Sim... supponho,
que é justamente o teu dilecto sonho
o ter uma occasião de o conhecer...

ELINA *(tremula.)*

É sim... quando estou longe... vamos, foge...

HELENA

Meu Deus! que acanhamento! rapariga!
E és minha prima e companheira e amiga!...
Ninguem dirá... Pois olha, ha de ser hoje...
Lá como, inda eu não sei, mas ha-de, isso ha-de.

ELINA *(com muito medo.)*

Não, não; vamos embora.

HELENA

Tem lá geito!...
Só te falta ajoelhar, bater no peito,
quando avistas aquella divindade!...
Olha, o que eu fiz ao meu!! Finge-se forte
e eu que faço? Comprimo o coração,
morro por elle e mostro-lhe que não.
E ache eu outro, que me faça a côrte,
que a aceito... E tu, romantica Julieta,
ha mais d'um anno já, que o conheceste,
cegou-te o seu prestigio de poeta,
cravaste-l'o na abobada celeste
e vives a sonhar que é teu, que és d'elle,
sem ter sequer, ao menos, a ousadia
de sondar o destino, que t'impelle,
tentando captivar-lhe a sympathia.

ELINA

Captiva-l'o! meu Deus! mas por ventura
depende isso de nós?

HELENA

Completamente.

ELINA *(ingenuamente.)*

Mas eu não sei!...

HELENA

Pois sabe-o toda a gente;
são instinctos de toda a creatura.

ELINA *(muito meiga.)*

Ensinas-me?...

HELENA

Tu és os meus peccados!...
Ó filha, nem eu sei... É geito, é tactica...
e, se acaso ha theoria, os namorados,
se chegam a sabe-l'a, é pela pratica...

ELINA *(muito assustada, apontando E. B.)*

Pareceu-me sentir...

HELENA

Qual! olha quem!...
Socega; para o baile ainda é cedo
e, d'aqui até lá, não tenhas medo,
de que elle deixe o espelho.

ELINA *(fugindo a correr.)*

Ahi vem.

HELENA *(fugindo a correr.)*

Ahi vem.

SCENA IV

RAPHAEL e HENRIQUETA, vem de E. B. abraçando-a

RAPHAEL

Uma historia devéras bem curiosa!
Um pae, que é millionario! Uma fallencia!...
Um suicidio!... Depois a filha e a esposa,
que se condemnam ambas á indigencia,
por salvarem-lhe a honra da memoria!...
Palavra que é bonito! Ahi está um drama.
E tu sem me contares essa historia!
A historia do banqueiro Ruy da Gama!

HENRIQUETA

Mas, olhe, que é segredo.

RAPHAEL *(nobremente.)*

Basta.

HENRIQUETA

Serio?

RAPHAEL

Palavra d'honra. Pensas por ventura,
que eu não sei respeitar essa amargura?...
Respeito-a e comprehendo-lhe o mysterio.
Vivem então aqui?...

HENRIQUETA

Ha quinze dias.
Aqui no quarto andar. Um anno e meio
moraram alli perto do Passeio...
Desde a vinda do Porto.

RAPHAEL

E tu morrias,
se as não tinhas aqui nas visinhanças...

HENRIQUETA

Então, que quer! adoro a pobre mãe...
Assim como as pequenas.

RAPHAEL

São creanças

ainda?

HENRIQUETA *(mentindo.)*

Muito, muito...

RAPHAEL

Que annos têem?

HENRIQUETA *(áparte.)*

E elle a dar-lhe! pois sim... *(Alto.)* Não sei ao certo,
mas... hão de ter... dez annos as pequenas...
(Áparte.)
Pois sim que eu já t'o digo; és muito esperto...

RAPHAEL

Dez annos!... Amanhece-lhes apenas
a vida e já soffreram! De q'idade
aprendem a chorar! Pobres crianças!...
Bem cedo desgrenhou a tempestade
os doirados anneis d'aquellas tranças!
Que queres, minha velha? o mundo é triste
e remedio, ha só um...
(Indo sentar-se á banca.)

HENRIQUETA

Beber?! Eu acho

peior a cura que o mal.

RAPHAEL *(rindo.)*

Que?... Já sentiste
subir-te á cabecinha o teu Cartaxo?!

HENRIQUETA *(escandalisada.)*

Virgem Nossa Senhora!... o que elle disse!!
(Da porta.)
Adeus; não quer mais nada?

RAPHAEL

Não, menina.
Adeus, deixa-me só.

SCENA V

RAPHAEL, só

RAPHAEL *(abrindo o album, ri-se do principio do seu trabalho.)*

Bom... Que tolice!...
«A mãe adormecendo a pequenina.»
E hei-de levar-lhe prompto este desenho

e alem d'isso a poesia!!... N'este instante
comprehendo um suicidio!... É que não tenho
meia hora de meu... Vamos... ávante.

(Começa a desenhar e ao mesmo tempo a pensar alto.)

Quem inventaria isto?
os albuns?... Sim, quem seria?
Foi algum tolo, está visto,
que detestava a poesia.
Tinha rixas, pelos modos
com algum poetastro, e disse
—«Invento-lhe esta tolice
e dou cabo d'elles todos...»
Hesita ás vezes um triste
entre a dôr e o suicidio...
Dão-lhe um album, não resiste,
essa desgraça decide-o.
Quando me dizem: «O aquelle
pregou dois tiros no peito...»
Pergunto logo ao sujeito:
«De quem era o album d'elle?»
E revolvam bem attentos
os espolios dos suicidas,
que hão de encontral-as aos centos
estas armas prohibidas.
Pode a sombra dos cyprestes
guardar-lhes bem o segredo,
mas busquem que tarde, ou cedo
hão de achar um diabo d'estes.

(Affirmando-se no desenho e parando.)

Vamos lá, não vae mal. *(Rindo.)* Este vestido
é q'está impossivel. *(Cogitando.)* Um modello!...
Se eu tivesse um modello... Estou servido;
é isso; exactamente. *(Erguendo-se.)* Vou fazel-o.
Vamos a isto. Primeiro
(collocando o fauteuil)
um fauteuil aqui. Está bem.
(Pensando.)
Quem hei de eu sentar-lhe? *(Lembra-se.)* Quem?
Vou buscar o travesseiro.
(Sae E. B. e volta com travesseiro e almofada.)
Trago a criança tambem.
(Mostra a almofada.)
Agora o meu chale manta.
(Estende o chale no fauteuil senta o travesseiro com a almofada, como uma criança ao collo e cobre-a com o chale.)
Isso... aqui... Perfeitamente.
Tem frio esta innocente,
depois a mãe não lhe canta,
póde acordar de repente.
Bem; já temos prompta a filha.
Falta a mãe, o travesseiro.
(Tomando um lenço tabaqueiro, que, sem reparar, põe sobre o alto do travesseiro.)
Na cabeça... Um tabaqueiro!!
horror! *(Vê a mantilha.)* Bravo! uma mantilha!

E que delicioso cheiro!
(Depois de a pôr na cabeça do travesseiro, sem tirar o lenço, revê-se na sua obra.)
Muito bem... Que habilidade!
(Cheirando as mãos.)
Que aroma!... e é só do cabello!
É, rescende a mocidade.
Quem póde ser?... É verdade,
Henriqueta ha de sabel-o...
(Depois de scismar.)
Mãe!!! Filha!!! Oh! como é doce!...
(Cheirando as mãos.)
Mas que bons perfumes!... Ora
se eu fosse casado agora...
Pae!... marido!... sim... se eu fosse...
(Olhando para a pendula.)
Ó demonio, que demora!
(Corre a sentar-se para desenhar.)
Elle a fallar a verdade
o dia ainda se passa
e anda-se mais á vontade
sosinho sem a metade...
mas á noite... é uma desgraça.
(Distrae-se scismando.—Depõe o lapis.)
A minha banca d'estudo!...
um relogio, o meu piano
ordinariamente mudo,
uns livros... Eis aqui tudo
todo o mez e todo o anno!...

Eis a tua companhia,
teimoso celibatario
(erguendo-se.)
e n'essa alcova sombria
uma cama sempre fria
sobre um leito solitario.
(Move-se.)
Oh! que frio! que silencio!
que solidão! que tristeza!
e como tudo isto pesa!
(Passeia agitado.)
O habito?! o habito vence-o
oh! se o vence a natureza!
(Encaminhando-se machinalmente para a mona.)
E a natureza é a familia.
É a espoza amante e querida.
É a filhinha adormecida
a encantar-nos a vigilia.
É o amor, o amor a vida...
Preciso um lar... e preciso
da criança encantadora.
Quero mais que um paraizo,
quero o murmurio o sorriso,
quero uma nota da aurora...
(Curvado para a almofada, rindo muito.)
Côr de rosa e côr d'espuma...
muito gordo, muito louro...
a rir... por coisa nenhuma...

Ó meu amor! meu thesouro!...
(Abraçando a almofada.—Decepção ridicula.)
Que filho!... de sumaúma!...
Mas um vestido?... Eu acabo
por lhe pôr um da criada...
cheira a velha e a pitada...
Deus nos livre! *(Pensando.)* Que diabo!
Mas não me lembro de nada!
(Vae á gaveta d'onde tira coisas, que lança ao chão.)
Vejamos n'esta gaveta;
quem paga é a pobre Henriqueta.
Que cousa é esta vermelha?...
O couvre-pieds!... Que pateta!
que não me tinha occorrido...
(Collocando no travesseiro como se fosse vestido.)
Um vestido *chic* vermelho,
um riquissimo vestido!
(Pondo uma perna sobre a outra e indicando a saliencia da extremidade inferior do travesseiro.)
Está assim, bem entendido,
isto é a dobra do joelho.

SCENA VI

RAPHAEL, LUIZ e logo HENRIQUETA

LUIZ *(da janella D. A.)*

Raphael?

RAPHAEL *(sobresalta-se e corre á janella procurando encobrir a mona, áparte.)*

Se elle vê isto...
(Alto.)
Ó Luiz?

LUIZ *(sempre á janella.)*

Já não vou, que queres...
(Ficam os dois conversando. Raphael ouvindo.)

HENRIQUETA *(entrando D. A., benzendo-se.)*

Valham-me as chagas de Christo!

(Apanhando a roupa pelo chão.)
Então olhem para isto!...

RAPHAEL

Coitadas! pobres mulheres!
Fizeste bem. Felizmente
recebi dinheiros hoje.
(Voltando-se desce, vê Henriqueta arrumando.)
Ó velha?

HENRIQUETA

Estou bem contente!
Diga, é bonito? é decente?...

RAPHAEL *(impellindo-a para a porta. D. A.)*
Logo arranjas, foge, foge.

HENRIQUETA *(impellida por elle sahe.)*

Credo! já vou... q'impaciente!...

RAPHAEL *(indo ao contador.)*

Cá está a chave, ainda bem.
(Com muito interesse.)

São então duas?...

LUIZ *(entrando.)*

São duas.
Mas uma d'ellas, a mãe
faz dó.

RAPHAEL *(muito compadecido.)*

Coitadas! nas ruas!...
e a criança ao frio tambem...

HENRIQUETA *(ao reposteiro.)*

Sempre quero ver agora...

RAPHAEL

Fizeste bem. Francamente,
quando assim vejo a tal hora
da noite e ao frio lá fóra
uma criança innocente,
chego a chorar.

LUIZ

É verdade...
de raiva...

RAPHAEL

Um odio profundo...
Ás vezes dá-me vontade
d'accordar toda a cidade,
d'incommodar todo o mundo.
Que o homem tenha por sorte
d'esbracejar na voragem
da desgraça e até da morte,
quando é homem, quando é forte,
quando tem alma e coragem,
vá...

LUIZ *(atalhando.)*

Tal, qual; mas os pequenos...

RAPHAEL

É exactamente o que dizes.
Tenras plantas sem raizes
as criancinhas ao menos,
que fossem todas felizes.

LUIZ *(depois d'alguma pausa, com seriedade comica.)*

Fez annos hoje o Corrêa.
D'ahi, fomos ao Martinho,

Já se vê... Cognac... e vinho...
e tal... e...

RAPHAEL

Já faço idéa.

LUIZ

Et cœtera.

RAPHAEL

Já adivinho.

LUIZ

Quando passei no Rocio,
coitada!... n'aquella altura
pude ver na noite escura
a estatua a tremer de frio...
e fez-me aquillo ternura.
O dador da liberdade
por uma noite glacial
a apanhar frio e humidade!
cousa, que faz tanto mal,
muito mais n'aquella edade.
E então fiz-lhe a continencia
e, estendendo a mão assim,

disse. «Em nome da nação
venho trazer a *Vocencia*
um guarda sol e um gabão.»

RAPHAEL *(rindo.)*

E elle o que disse, pateta?...

LUIZ *(muito serio.)*

Elle riu-se para mim.

RAPHAEL

Riu-se?!!...

LUIZ

Riu-se e... fez assim
(fazendo um gesto negativo com o index da mão direita.)
Como quem diz «A etiqueta
e tal e coisas... emfim
que não podia aceitar-m'o.»
Era uma estatua de bronze!
Veio a etiqueta lembrar-m'o.
Bom; eis-me entre as dez e as onze
na rua nova do Carmo.
(Commovido.)

Foi então; dei alguns passos
e vi-as á luz da lua
n'um vão de porta, na rua,
tendo uma d'ellas nos braços
a filhinha quasi nua!

RAPHAEL *(arrebatado.)*

Mais tres estatuas fundidas,
essas fundidas na dòr.
Sabes quem fez d'essas vidas
o grupo em que as viste unidas?
Sabes quem foi o esculptor?
Somos nós é toda a gente...
O esculptor é a sociedade.
A officina tem na frente
esta inscripção eloquente
«Vergonhas da humanidade.»

Ahi por esse mundo ha muitos d'esses entes;
muitos dramas assim, que nunca vem a lume,
que nunca ninguem leu e nem sequer presume,
que são escriptos com sangue e sangue d'innocentes.

Por isso á noite só é que, revolto o fundo
do grande rio azul das profugas miragens,
o rio d'esta vida, a gente vê no mundo
surgir então na scena os tristes personagens.

E um vulto a cada passo abrindo um manto preto,
como a noite, que os cerca e as almas, que os evitam,
eleva e deixa ver crianças, que dormitam,
á espera de morrer, n'uns braços d'esqueleto.

No entanto o rio dorme, o rio azul do mundo
até que volte o sol a redoirál'o todo ;
mas quem já visse a noite a revolver-lhe o fundo,
ha-de dizer-lhe então «Não és cristal és lòdo.»

LUIZ *(ouve enthusiasmado e falla embargada a voz pela commoção.)*

É tal qual... Dá-me um abraço.
É exactamente o que eu digo ;
por outra, o que eu não consigo
explicar, por mais que faço,
senão fallando commigo.
Os pobres innocentinhos!...
Tens razão ; sòmos uns cães.
Ao menos aos passarinhos
os paes forram-lhes os ninhos
e teem as azas das mães.
Tens razão, é desalmada
a sociedade e, se queres,
vamos valer ás mulheres,
depois... vamos dar bordoada.

RAPHAEL

Em quem?

LUIZ

Em quem tu quizeres.
Comtanto que sejam tres
e valentes e felizes.
Vae um ou dois de narizes
e a gente apanha... Bem ves,
sim, és tu mesmo que o dizes,
nós estamos implicados
n'esses crimes, tanto monta,
e, se ao punir os culpados,
levarmos a nossa conta,
quatro murros são bem dados,
pois não achas?

RAPHAEL

És um louco
e uma pomba, eis o que eu acho.

LUIZ

Pomba, não... um pombo macho
e, como tal, valho pouco,
mas muito como *borracho*.
(Riem ambos e abraçam-se.)

Mas sabes tu, porque eu bebo?...
(*Com intimo pezar.*)
Fez-me o destino visinho
d'aquelle anjo...

RAPHAEL (*atalhando.*)

E do Martinho.

LUIZ (*apontando o coração.*)

Trago-a aqui sempre.

RAPHAEL

Percebo,
ginja em conserva de vinho.

LUIZ (*muito formalisado.*)

Mau! Isso é que eu não admitto.
Não chames ginja á pequena.

RAPHAEL

Está bem. Não vale a pena
zangar-te só por um dito.
Eu venero a tua Helena.

LUIZ

Mau. Raphael, por favor,
não lhe chames — minha — ouviste?
Se, porque nunca o sentiste,
tu não comprehendes o amor,
respeita ao menos o triste,
que, nas garras d'esse abutre,
sente a esperança perdida,
esperança e alma e vida,
no pranto, em que elle se nutre.

RAPHAEL

Bebe prantos!! Má bebida!

LUIZ

Ah! não rias...

RAPHAEL

Não; lamento
essa dôr, basta ser tua,
mas... ha outro soffrimento...

LUIZ

É certo! q'esquecimento!

As pobresinhas da rua...
Tens razão.

RAPHAEL

Ahi tens dinheiro;
metade de quanto eu tenho.

LUIZ

Espera, espera, primeiro
vou lá acima, ao mialheiro;
espera ahi, que eu já venho.
(Sae F. E.)

SCENA VII

RAPHAEL, depois ELINA e HELENA

RAPHAEL

In vino veritas. Louco,
mas que bello coração!...
(Vendo a pendula.)
Que! Já dez horas! *(Affirmando-se.)* E são!
(Corre a sentar-se á banca.)

Ora vamos. Falta pouco;
vejamos a inspiração...
(Pega no lapis, observa o modello, etc., fallando muito entrecortado.)
Exactamente. *(Procurando.)* E a borracha?
É o claro escuro, é sabido...
Isto aqui mais esbatido...
Condessa?... então que tal acha?
Fiz ou não fiz o vestido?
(Depois de observar, contente com a sua obra, fecha o album.)
Vamos aos versos agora...
(Pega na penna, etc.—Depois de pensar.)
Soneto. Adoro os sonetos
e ella tambem os adora.
Duas quadras, dous tercetos...
É questão de um quarto d'hora.
(Começa escrevendo e meditando.)

ELINA *(á janella F. E. cautelosamente.)*

Olha.

HELENA *(seguindo-a assoma á janella.)*

O que é?...

ELINA

Não vês, menina?
Lá está elle a fazer versos.

HELENA *(dando um pequeno grito como tendo visto uma inconveniencia.)*

Ah!

ELINA

Tem cuidado; imagina,
se elle aqui nos visse!

HELENA *(desesperada.)*

Elina,
os homens são uns perversos.

ELINA

Mas que foi?

HELENA

Eu bem dizia.
Porque é assim, porque elle é poeta...

vivem só de phantasia
entre os ideaes da poesia...
Tu é que és uma pateta.

ELINA

Mas... devéras, não t'entendo!

HELENA

Por isso o meu me despreza.
Agora tenho a certeza;
agora é que eu comprehendo
aquella sua frieza!
São ambos da mesma escola,
resam na mesma cartilha.
São dois poetas!... Olha, filha...
sempre a gente é muito tola!...
(Reparando.)
Espera; é a tua mantilha,
a que ella tem na cabeça,
pois não é?...

ELINA *(sobresaltada e com ciume.)*

Que vulto é aquelle?
É mulher?... olha depressa...
Oh! meu Deus!...

HELENA

Inda mais essa!
(Aparte.)
Só tem olhos para elle!...
(Alto.)
Pois inda a não tinhas visto?...

ELINA *(lacrimosa.)*

Não, não tinha...

HELENA

Então, criança,
porque choras?

ELINA

É a esperança,
que me foge... Era por isto,
que nem me via.

RAPHAEL *(sorrindo satisfeito com a sua obra.)*

Descança,
minha gentil condessinha...

ELINA

Olha, ouviste? uma condessa!...

HELENA

O monstro!... e chamou-lhe «minha...»

ELINA

Será bella?

HELENA

É galantinha;
Conheço aquella cabeça.

RAPHAEL

Escola nova purinha...
(Lê enthusiasmado.)
«Na boca era o sorrir das virginaes auroras
«e a verdenegra côr da podridão dos dentes,
«a terra, a grande vil e as amplidões sonoras...

«Era um contraste eterno! E as tranças em torrentes
«lançando-se-lhe aos pés em roscas de serpentes...
«comprou-as no hospital á cousa de tres horas.»
(Prepara-se de novo para escrever.)

Bello! vejamos se acabo...
Descança, gentil condessa,
eis-me em teu album; tens pressa
de ler as cousas do diabo,
de que te fiz a promessa...

HELENA

Ó filha tu comprehendeste?

ELINA *(succumbida.)*

Eu não.

HELENA

Nem eu!...

ELINA

Que m'importa?...
Oh! meu Deus! que destino este!
estou perdida, estou morta...
Dize, inda a não conheceste?...

HELENA

Então? não sejas pateta...
Olha, aquillo é natural,

que seja a musa do poeta;
mais alguma *Julieta*
do teu *Romeu* ideial;
que os poetas, minha querida,
como a lei lhes encadêa
essa ideia appetecida,
todos, é cousa sabida,
são polygamos na ideia...

RAPHAEL *(atira a penna e ergue-se.)*

Nada: por hoje desisto.
Final é que eu não arranjo...
(Elina e Helena fogem F. E., Raphael depois de passeiar, continúa.)
Mas o que demonio é isto?!!!...
ah!... o modello... a esposa, o anjo...
E se fosse?!... óra, está visto,
se fosse a esposa dormia,
dormia a sua soneca,
em quanto eu fiz a poesia...
tal e qual a companhia,
que me tem feito a boneca.
Talvez até resonasse...
e adeus estro, inspiração.
Mas depois... quando a acordasse
dando-lhe um beijo na face!...
Toda languida... Eu então...

(Curvado para a boneca.)
Tu que queres? é preciso
trabalhar... É sim custoso
roubar instantes ao goso
do meu lar, meu paraizo!
(Á esta deixa, Helena apparece á janella F. E. e com gestos chama Elina, que vem para junto d'ella.)
Mas como elle vae saudoso
o espirito por deixar-te,
quando a phantasia o solta
pelos ceos azues da arte!
ai! pobre! como elle parte
mas tambem como elle volta!...
(Arrebatando-se progressivamente.)
Oh! que alegria divina!...
(Ajoelhando aos pés da mona.)
Que ventura! que delicia!

HELENA

Então coragem, Elina...

RAPHAEL *(continuando.)*

Como a vida s'illumina,
quando uma simples caricia,
um doce beijo, um affago

ELINA *(puchando Helena, que resiste.)*

Helena, vamos embora...

RAPHAEL *(continuando.)*

Vem, como um raio d'aurora
erguendo as nevoas d'um lago,

HELENA *(ralhando com voz surda.)*

Não tem vergonha, inda chora!...

RAPHAEL *(continuando louco, amorosamente.)*

Vem, como a mão delicada,
que entre as cortinas de caça
d'uma alcova perfumada
limpa o suor da vidraça
ao clarão da madrugada,
vem ser a gota de orvalho,
que as sedes d'alma mitiga,
ser-nos regaço e gasalho,
quando nos prostra a fadiga
na exaltação do trabalho!...
Oh! deveras...

HELENA *(olhando para o F. E, e fugindo com Elina para F. E.)*

Foge, foge.
Vem gente...

RAPHAEL *(radiante.)*

Sou bem feliz...
Vem alguem...
(Sentindo passos levanta-se.)

SCENA VIII

RAPHAEL e LUIZ

RAPHAEL

És tu, Luiz?...
Cuidei, que não vinhas hoje!...

LUIZ *(preoccupadissimo.)*

Ha mysterios bem subtís
nos fumos do vinho!... Agora,

á força de a ver na ideia,
cheguei a ve-l'a alli fóra!...
tão gentil! tão seductora!...
(Muito serio.)
Hei-de pedir ao Corrêa,
que faça os annos mais vezes,
para eu ter visões assim...
ou que, em vez d'annos emfim,
faça semanas ou mezes...
Não achas?

RAPHAEL *(rindo.)*

Acho que sim.

LUIZ *(com surpresa e com misterio.)*

Olá!...
(Apontando a boneca.)

RAPHAEL *(contrariado.)*

O que é?

LUIZ

Senhor poeta,
temos um traço realista?...

Se não for cousa indiscreta,
eu peço...

RAPHAEL

O que?...

LUIZ

Peço vista...

RAPHAEL

É a velha...

LUIZ *(rindo muito.)*

A tua Henriqueta?...
(Cortado pelo riso.)
E eu a invejar-te a conquista!...

RAPHAEL

Deixa-a dormir.

LUIZ

Dorme a sesta?!...
(Declamando grandiosamente para a mona.)

Dorme, ó casta veterana
do sacro templo de Vesta.
Dormir... dormir é o que resta
ao fim da jornada humana.
Sim... *Dormir... talvez sonhar...*

RAPHAEL

Bravo, Hamlet.

LUIZ

Não sou plagiario.
No systema planetario
dous astros podem crusar
seu ethereo itenerario...

RAPHAEL *(comicamente serio.)*

Mas é que ha estrellas, não esqueças,
com satéllites...

LUIZ *(com orgulho.)*

Pois bem,
Eu e... Shakspeare tambem,
ambos nós seremos d'essas,
somos d'aquellas, que os teem.

RAPHAEL *(reprimindo o riso.)*

Shakspeare e tu!!... Sublime!...

LUIZ *(com amarga ironia.)*

É a nuvem e o azul suspenso?!...
uma fonte e o mar immenso?!...
é loucura, é quasi um crime?!...
Pensas isto?...

RAPHAEL *(estalando a rir.)*

Não... nem... penso...

LUIZ *(formalisadissimo e com desprezo.)*

Esse riso não me aterra.
Esse é o rir da turba ignara.
Da humilde fonte da serra
uma convulsão da terra
póde fazer um Niagára.
(Assomam cautelosamente á janella Helena e Elina.)
E eu sinto o genio aqui, *(na fronte)* sinto-lhe a luz e o lume.
Só espero, que este peito estale de paixão,
como estala a montanha ao jacto do vulcão
e a neve secular, que lhe pratêa o cume;

que, muito embora exista, o genio só se expande
no fogo da paixão, que abrasa e q'illumina...
Gloria — Ciume — Odio — Amor, conforme vem na sina,
mas só então ha genio e só então se é grande.

RAPHAEL *(simulando grande curiosidade.)*

Mas tu não tens amor? Não tens a tua Helena?

HELENA *(vivamente.)*

O meu nome?!...

LUIZ *(com profundo desalento.)*

Eis ahi toda a minha desgraça,
amo-a.

RAPHAEL

E ella?

LUIZ *(idem.)*

Tambem; pois essa é a minha pena!

RAPHAEL *(admiradissimo.)*

Não queres ser amado?!

LUIZ *(seccamente.)*

Eu não senhor.

RAPHAEL

Tem graça!

De modo que esse amor é a tua *desventura*,
por te fazer *feliz! (Rindo.)* Já vês o contrasenso...

LUIZ *(com crescente grandesa.)*

Exactamente o amor só chega a ser immenso,
só chega a ser paixão na dôr e na amargura.

O amor é como um rio; emquanto comprimido
nas gargantas da serra em leito de fraguedos,
o rio tem caudaes, q'esmagam os rochedos,
tem as furias do mar, tem ondas e bramidos.

Se encontra a penedia erguida pela frente,
recua como um tigre e tomba-a de um arranco
e passa então, sangrando espuma em cada flanco,
em roncos de leão e em roscas de serpente...

Mas abram-lhe defronte os campos da planicie
(Com desprezo.)
e o tigre fez-se pomba e a pomba adormeceu!...
O mar tornou-se um lago!...

RAPHAEL

E então na superficie
tranquilla, azul e pura então reflecte o ceu.

LUIZ *(começa com desprezo.)*

Isso é flor de larangeira...
Historias!... Velhos lyrismos.
(Pausa.)
Nem é amor... é caturreira...
(Com crescente enthusiasmo.)
Uma paixão verdadeira
é sempre a flôr dos abysmos.
Abysmos de desespero,
de lagrimas, de tristesa,
de receios, d'incerteza...
É d'essas paixões, que eu quero.
(Radiante e fechando a mão.)
E então sim, tenho-a aqui presa
a minha celebridade.
(Grandiosamente.)
Os grandes genios, amigo,
são aves da tempestade.

HELENA *(fechando os punhos com raiva.)*

Pois ha-de te-l'a. Oh! se ha-de!

LUIZ

Não achas isto?...

RAPHAEL *(distrahidamente.)*

Eu te digo.
N'essas theorias d'amor
o que tu és, francamente,
és um...

LUIZ

Bem sei, um vidente.

RAPHAEL

Nada, não. És simplesmente

HELENA *(furiosa.)*

Um maluco.

RAPHAEL

Um massador.

LUIZ *(com despeito.)*

E tu, que serás?

RAPHAEL

Eu tento
a propaganda dos mestres
até que chegue o momento
de termos o casamento,
como as casas, aos semestres.

LUIZ

N'esses termos, já te digo,
que has de ter boas moradas...
Em predio bom, meu amigo,
só se achares o postigo
d'algumas aguas furtadas.
(Sorrindo com desprezo e ridicularisando.)
É como a tua mania
do casamento de noite
e o celibato de dia.

RAPHAEL *(sorrindo ironico.)*

E acha mau, *vossa seoria?...*

LUIZ

E onde ha mulher que se affoite,
sim, onde achas tu menina
com poço e com Santo Antonio,

que queira no matrimonio
servir-te de lamparina?

RAPHAEL *(enfadado.)*

Olha, vae para o demonio.

LUIZ *(fingindo que o reprehende.)*

Vae tu, vae tu, que andas cego,
tu que não tens coração,
porque o poseste no prego,
ha muito tempo ou que então
(batendo-lhe no peito)
tens aqui dentro um morcego.

SCENA IX

RAPHAEL, LUIZ e HENRIQUETA

HENRIQUETA *(trazendo um cesto no braço.—Para Luiz.)*

Inda aqui está... muito bem.
Não que eu não sou vagarosa.

LUIZ *(gracejando.)*

Que vejo! Quem aqui vem!
Dona Henriqueta, a formosa,
a pura, a casta Cecem!
Um abraço, um terno abraço;
o coração pede-m'isto
insoffrido...

HENRIQUETA *(abraçando-o.)*

E eu que lh'o faço...
Ui! cheira a vinho!!...

LUIZ

Está visto...
Hei-de cheirar-lhe ao bagaço!...
Quer talvez, que cheire a agua!...
Colhi tal odio á da chuva,
que, apezar de a haver, que magua!
no proprio sumo da uva,
quando a apanho aos pés, esmago-a.

HENRIQUETA *(affectuosamente.)*

Que cabecinha a sua!... Valdivinos!...
o que vale é, que é d'oiro o coração...

LUIZ

D'oiro?! é já para o prego...

HENRIQUETA

Ora, os meninos
vão praticar uma bonita acção
e vae eu, q'escutei toda a conversa
a respeito das pobres criancinhas
de noute pela rua, coitadinhas!...
Porque emfim só se eu fosse uma perversa,
é que, ouvindo as aquellas d'ind'agora,
não choraria.

LUIZ

Sim?

HENRIQUETA

Nem faz ideia!...
Ainda bem, que não se foi embora
e tive tempo de aquecer a ceia.

LUIZ

A ceia?! mas...

RAPHAEL

A tua?!

HENRIQUETA

Certamente.
Arroz muito bem feito... Olhe, que cheiro!...
Um caldinho de carne muito quente...
Porque os meninos dão-lhes em dinheiro
a sua esmola, pois não é verdade?
e eu dou a minha ceia, tudo é dar,
mas quero ter quinhão na caridade.

LUIZ *(muito commovido.)*

Outro abraço...

HENRIQUETA

Coitado! olha... a chorar!...

RAPHAEL *(abraçando-a tambem.)*

Boa Henriqueta!...

HENRIQUETA

Então?! se alguem ouvisse,

havia de pensar, que eu tinha feito
algum milagre... eu sei! ora a tolice!...

LUIZ *(com exagerada veneração.)*

Que santa criatura!

HENRIQUETA *(dando a cesta a Luiz.)*

Mau! Já disse;
tome o cesto; aqui tem, pegue com geito.
E sabe o que me lembra?... Se podesse
levar-lhe alguma lenha...

RAPHAEL

Levo-a eu...

HENRIQUETA *(espantada.)*

Ora aquella!!...

RAPHAEL *(impellindo-a para a porta.)*

Depressa, que arrefece
a cèa, vae...

SCENA X

RAPHAEL e LUIZ

LUIZ *(desfazendo o embrulho de dinheiro, que recebeu de Raphael.)*

Aquella está no céo...
Espera, junta aqui o meu dinheiro.
Ólá... que dinheirama!... Dez mil reis!...
Pois eu quebrei o fundo ao mialheiro
e deitou...
(Tirando do bolço dinheiro.)

RAPHAEL

Dez tostões?!...

LUIZ

São dezeseis,
conte bem, dezeseis, se dá licença...

RAPHAEL

E ficas a tinir...

LUIZ

Lá isso fico...
A patroa é quem paga a differença,
mas pago-lhe o semestre em sendo rico...
(Repara então na mona sentada.)
Espera! então... são duas Henriquetas?!!
Agora é que me lembro...

RAPHAEL *(atrapalhado.)*

Eu já t'o digo,
eu já te explico tudo...

LUIZ

Meu amigo,
fazer misterios vá, mas pregar petas!...

SCENA XI

RAPHAEL, LUIZ e HENRIQUETA

HENRIQUETA *(traz um feixe de lenha.)*

Óra, aqui tem...

RAPHAEL

Dá cá, dá cá depressa...

HENRIQUETA

Ó menino, que faz?! Vista outro fato.

RAPHAEL

Nada. Hei-d'ir assim mesmo...

HENRIQUETA

Que cabeça!...
Pois ha-d'ir de casaca?...

LUIZ

E eu?...

RAPHAEL

É exacto...
Faremos um vistão pela cidade.
Não iamos assim ao baile? á festa?
Pois bem, assim havemos d'ir a esta,
que a não tem mais grandiosa a humanidade.

ACTO II

SCENA

A mesma decoração do primeiro acto.

SCENA I

HENRIQUETA, só

HENRIQUETA *(voltando da janella pensando alto e pausadamente.)*

Doidos, mas... São rapazes, ora adeus.
(Pausa.)
Boas almas!.. lá isso... *(Pensa.)* E a pobre gente?!
De mais a mais o triste do innocente!...
(Compadecida.)
Sempre ha cousas! Louvado seja Deus...
E Raphael?! Eu digo na verdade!
(Meio ralhando.)
Em corpinho gentil *(indo á janella)* e a noite fria,

uma noite de vento e d'humidade;
capaz de apanhar uma pneumonia.
(Voltando.)
Que vida!... Sempre assim! Sempre em cuidado!...
É o que lhe tem valido; olá se tem!...
é o amor, que lhe eu tenho e o ter-me ao lado
desde tão pequenino em vez de mãe...
(Indo a fechar a porta F. para onde tem ido a fallar.)
Eu nem lhes fecho a porta; para que?
Aquillo estão de volta n'um instante;
serraram a do pateo; já se vê,
(indo á porta D. A. por onde sae)
fechando a dos meus quartos é bastante.

SCENA II

HELENA e ELINA

HELENA *(espreita á janella F. E. e diz F. E. fallando baixo.)*

Foram ambos. Vem depressa.
Está só ella.

HELENA *(seguindo Helena á porta F. e detendo-a supplicantemente.)*

Por ora,
não lhe falles.

HELENA *(resolvida.)*

Ora essa!
(Aproxima-se da mona.)
Vaes vêr. «Senhora condessa?
(Para Elina.)
Não ouve! *(Alto.)* «Minha senhora?...
(Vae-se aproximando do fauteuil.)
Permitta vossa excellencia,
que a roube ao seu pensamento
apenas por um momento.
A mantilha... *(Para Elina.)* Q'insolencia!...
Não vês? nem um movimento!

ELINA

Finge dormir.

HELENA

Tens razão.
Pois vou fingir, que acredito.

ELINA

Olha, aproveita a occasião,
se o penteado fôr bonito,
zás — prega-lhe um bom puchão.

HELENA *(nas costas do fauteuil, abanando-o com geito.)*

«Senhora condessa.» *(Deliberada.)* Espera...
(Arranca bruscamente a mantilha desfazendo um pouco a mona.—No primeiro momento.)
O que é isto?
(Desata ás gargalhadas e vae cair n'um fauteuil ou movel qualquer respondendo á seguinte pergunta de Elina com um gesto, com que, sempre ás gargalhadas, lhe aponta a mona.)

ELINA *(estupefacta quando Helena começa a rir e vê a cabeça do travesseiro.)*

Mas o que é?
(Seguindo o gesto da outra verifica, que a condessa era uma boneca e desata a rir com a outra e, cortado ainda pelo riso, diz.)
Mas então... *(Rindo.)* Então não era...
uma rival.
(Indo outra vez á mona.)

HELENA *(seguindo-a cançada de rir.)*

Já se vê
queres parabens?
(Prendendo-lhe a mão.)

ELINA

Podera!...
O negrume era aguaceiro...
(Beijam-se, passando Helena á mona, que desfaz completamente pegando na almofada como n'uma criancinha.)

HELENA

Pois, filha, perde a esperança.
Desfaz-te o sonho fagueiro
esta innocente criança,
a filha do travesseiro.

ELINA

Uma boneca! Ó menina?
tu já viste egual loucura?

HELENA

Se aquillo fosse uma Elina,

pela amostra da ternura,
que lhe ouvimos, imagina!...

ELINA

Mas que doido! e, não obstante,
agrada-me esta doidice
nem sei porque! Ha meiguice
n'esta idéa extravagante,
ha ternura, ha criancice...
e... nem eu sei... finalmente
amo-o e sinto-me feliz...

HELENA

Sei eu... É que vagamente
o coração lá te diz,
q'isto é um symptoma eloquente.

ELINA

Symptoma!

HELENA

Sim, minha filha.
Isto e a singular theoria
do celibato de dia,
que, graça á tua mantilha

lhe ouvimos...

ELINA

Sim...

HELENA

Denuncia
que o coração já lh'invade,
por óra assim com disfarce,
as desordens da vontade
e que tarde ou cedo elle ha-de
arrasta-l'o a... completar-se.

ELINA

Se assim fosse... Ha corações,
que ficam sempre...

HELENA

Duvidas?
Na rede das gerações
sabes o que os solteirões
veem a ser?... Malhas caidas.

ELINA

E com que agulha as apanhas?

HELENA

Ó menina? q'innocencia!
Com finura, com paciencia;
a gente á força de manhas,
é que suppre a força e vence-a.
Foi sempre assim. Pois presumes,
que a minha homoyma Helena,
se não fossem os ciumes,
tinha amantes aos cardumes
o demonio da pequena?
Muita festa, muita aquella...
mas lá casar... isso sim!...
Vem um, que a rouba por fim;
foi logo! tudo atraz d'ella!
Era tudo a mim, a mim!
Acho bem, que sejas terna,
dá-lhe cavaco, esperança,
mas sempre por segurança
vae-lhe largando outro á perna.
Pois o ciume é que os amansa.
Pensas que é só não ser feia?
Amar?

ELINA *(escutando antes.)*

Ahi vem...

HELENA *(meditando um plano.)*

Não importa.

ELINA *(correndo á porta D. A.)*

Está fechada esta porta.

HELENA *(pegando-lhe na mão. Tudo rapido.)*

Melhor... Que excellente ideia!
Tu sabes fingir-te morta?...

ELINA

Mas porque?

HELENA *(levando-a ao fauteuil e sentando-a.)*

Senta-te aqui...
Completa immobilidade
eis o que eu quero de ti.

ELINA

Comprehendo... Mas em verdade...
depois...

HELENA *(atirando o travesseiro para a alcova E. A.)*

Eu escondo-me alli.
(Cobre-a com o chale, o couvre-pieds, mantilha.)
Nada temas.

ELINA

Q'imprudencia!...

HELENA *(pondo-lhe a mantilha.)*

Eis-te uma perfeita mona...

ELINA *(sorrindo.)*

Obrigada.

HELENA *(sorrindo.)*

Tem paciencia...
Quem sabe se a providencia...

ELINA *(mostrando querer erguer-se.)*

Não. Sinto que me abandona

toda a coragem ; não posso...

SCENA III

HELENA, ELINA e RAPHAEL e LUIZ entrando F. D.

HELENA *(fugindo para o reposteiro E. A.)*

É tarde...

ELINA *(compondo-se.)*

Valha-me Deus.

HELENA *(já do reposteiro.)*

Não te mechas...

RAPHAEL

Óra adeus.
Casar, nem velho nem moço...
são vaticinios dos teus.

LUIZ *(tocando em Elina com o chapeu de sol.)*

Olha! a historia d'esta amiga,
que me contaste ha momentos,
é um symptoma...

RAPHAEL

É uma figa.

LUIZ

É o coração, que t'instiga,
que mette requerimentos.
(Como quem vae fazer prelecção.)
Olha... O amor...

RAPHAEL

Lá vem massada!
(Ridiculisando.)
«O amor é o timido arrulho.
de uma rola...

LUIZ *(atalhando.)*

Nada, nada.
Ouve. O amor é a madrugada

de vinte e quatro de julho
nos corações. É, menino.
São bandeiras, galhardetes,
salvas, repiques de sino,
girandolas de foguetes
e por toda a parte o hymno...
Pois tu estás a vinte e tres
e já de noite...

RAPHAEL

Q'ideia!...
E tu?...

LUIZ *(rindo.)*

Á espera, bem vês,
de te ver ás tres e meia...

RAPHAEL *(indo sentar-se á banca.)*

Palavra d'honra que és tonto.

LUIZ

Pois sim, mas nem Santo Antonio
já te vale. Qual Demonio!...
Estás por menos de um ponto

Catrapuz — no matrimonio.
(Pausa indicando o papel, em que Raphael escreve.)
Que é isso?...

RAPHAEL

Vou ver se acabo
esta maldita poesia.

LUIZ

Inda estás com a mania
de a levar hoje?

RAPHAEL

Que diabo!...
Cahi n'essa, prometti-a...
É massadora a condessa...
mas emfim, é bella e é prima...
E tu não vaes?...

LUIZ

Ora essa!...

RAPHAEL

Esperas-me?

LUIZ

Eu vou lá acima,
mas volto, se vens depressa.

RAPHAEL

Vou e volto n'um momento.
É só dar-lhe os parabens,
o album; algum comprimento
ás senhoras...

LUIZ

Bom, e vens?...
Pois eu subo ao firmamento.

RAPHAEL *(entretido a escrever.)*

Ver se vês a tua estrella?...

LUIZ *(subindo lentamente para a porta.)*

Ver se a sinto, ver se a escuto...
Antes quero do que vê-l'a...
Põe-me o coração de lucto
a paixão, que me revela...

RAPHAEL

Que maluco! Pobre Helena!
Gostava de a ver um dia,
a ver se valia a pena
contar á pobre pequena
a tua incrivel mania.
Talvez lhe pozesse um termo...

LUIZ *(desce rapido e formalisado.)*

Esta agora é que é melhor!...
(Pausa; ao pé do fauteuil.)
Olha, poeta, o teu amor,
o teu anjo, o teu *estafermo*
chama-te; faze favor,
vem ajoelhar-te a seus pés,
tu, que os não tens, nem cabeça...
e dize-me, não t'esqueça,
(Indo a elle.)
se eu sou maluco, tu que és?...

RAPHAEL *(muito enfadado.)*

Olha, deixa-me...

LUIZ *(analysando o vulto d'Elina.)*

E tens geito...

Isto accusa de sobejo
o teu sonho, o teu desejo...
Está bem!... muito bem feito!...
(Caminhando para o fauteuil.)
Appetece dar-lhe um beijo...

ELINA

Valha-me Deus.

RAPHAEL *(largando a penna e fechando o album.)*

Finalmente...

LUIZ

Acabaste? ainda bem.
Vae e volta.
(Sobe para sahir.)

RAPHAEL

De repente.

LUIZ *(da porta, chacoteando.)*

Beija a filhinha innocente
e depois abraça a mãe

antes que vas. Eu já venho.
(Sae. Da janella F. E. sempre chacoteando.)
Vou lá acima... É de quezilia
a presença de um extranho
n'essas scenas de familia...
Convens, papá?

RAPHAEL

Sim convenho,
em tudo, o que tú quizeres.

LUIZ

Adeus...

RAPHAEL

Até já?...

LUIZ

Está visto.

SCENA IV

HELENA, RAPHAEL e ELINA

RAPHAEL *(em frente da mona.)*

E tem razão! Vejam isto!
Que tolice!... Ao que as mulheres
nos obrigam!! Ah! desisto
d'esse ideal, que me abandona;
ouves, mona?
Mas, illude, é certo, illude!
Como eu pude
fazer isto assim á pressa!...
A cabeça!!...
Como está bem! Mesmo a altura
da estatura,
como eu prefiro, um pouco alta!
Nada falta!...
Parece pender-lhe um braço
no regaço
e o outro aqui sobre o peito!
É perfeito!
E o joelho então? que belleza!...
Com certeza
parece de carne e osso.

ELINA *(áparte.)*

Já não posso.

RAPHAEL *(vae correndo á janella.)*

Sim; o Luiz não vem por óra;
vou agora
deitar alli a cabeça

ELINA

Ora essa!...

RAPHAEL *(descendo.)*

No collo do travesseiro...
Mas... primeiro...
(Pára, pensa um momento e vae ao sofá buscar a almofada, que colloca ao lado do fauteuil ajoelhando sobre ella ou melhor sentando-se.)
Ah! sim, sobre esta almofada.
Bem lembrada.
Ha-de ser bom na verdade,
lá isso ha-de,
ter-se ao lado a todo o instante
uma amante,
uma esposa encantadora,
que se adora...

e poder assim a gente...
docemente
descançar-lhe a cada passo
(vae deitando a cabeça de lado sobre o braço E. do fauteuil de modo, que o rosto lhe fica voltado para o espectador.)
no regaço
a fronte exhausta!... Que goso
delicioso!
(Elina fascinada tira debaixo do chale a mão e quasi cede á tentação de lh'a pousar na cabeça.)
E sentir-lhe a mão de neve
ao de leve
(cerrando os olhos)
nos cabellos distrahida...
ah! que vida!...
(Elina continúa mostrando em crescente commoção a intima lucta entre a sua paixão e o seu pudor.)
Palavra de honra... é sublime
Convenci-me!
Que força de phantasia!...
Já sentia
a tal mãosinha pequena!...
Tenho pena
de não phantasiar, que vinhas,
nas pontinhas

dos teus dedos côr de roza,
doce esposa,
(Elina estende a mão como a repelli-l'o, voltando a cara para o outro lado vexadissima, quando elle, d'olhos cerrados, com a sua mão encontra a d'ella beijando-a)
colher-me ai! quanto desejo
n'este beijo!!

ELINA *(assustada e envergonhadissima erguendo-se.)*

Ah!

RAPHAEL *(erguendo-se a meio.)*

Que é isto?!

ELINA *(tapando a cara um momento.)*

Meu Deus!

RAPHAEL *(recuando espantado.)*

Será loucura?...
Mas não! É com effeito uma mulher!...
e, Deus! como é gentil! que formosura!...
Comtudo... quem...

ELINA *(como que desprezando-se.)*

Diz bem. Quem posso eu ser?

RAPHAEL *(enleiado.)*

Mas...

ELINA

Senhor Raphael, escute-me antes
de condemnar-me, sim?

RAPHAEL *(deslumbrado, louco.)*

Mas, ao contrario,
eu, que a conheço apenas de uns instantes,
por mais que lhe pareça extraordinario,

ELINA *(sorrindo incredula.)*

Adora-me!!...

RAPHAEL

Duvída?

ELINA *(sorrindo.)*

Se duvido!

RAPHAEL *(arrebatado.)*

Porém... se eu lhe jurar, que um sentimento
se apoderou de mim n'este momento,
impetuoso, fatal, desconhecido...
Tambem o raio tem um só clarão
e mostra-nos á vista deslumbrada
o mesmo, que a deslumbra na alvorada...

ELINA

E apaga-se e redobra a escuridão.

RAPHAEL

Mas deixou vêr a quem não vira ainda;
abriu uns olhos, q'ensinou a olhar.

ELINA

A luz, que apenas brilha e logo finda,
os olhos, que ella abrir, póde-os cegar...
Por isso é que, se eu fosse a luz do raio,
a luz que morre, apenas relampeja,
supplicava-lhe...

RAPHAEL

O quê?

ELINA

Que me não veja,

(quer sair)

que tape os olhos muito em quanto eu saio.

RAPHAEL *(detendo-a.)*

Oh! não me deixe, não; por Deus lh'o juro,
vou dar-lhe um coração, que nunca amou.
Não é pois simplesmente o meu futuro,
é toda a minha vida, que lhe dou.
Vejo-a a primeira vez; conheço-a agora;
não sei quem é nem como a encontro aqui...

ELINA

Vou dizer-lh'o.

RAPHAEL

Perdão, minha senhora,
não quero saber nada, porque a vi
e logo o coração, bastou-me vel-a,
lhe soube vêr no brilho peregrino,
que havia n'esse olhar a luz da estrella,
mas que essa estrella era a do meu destino.
Que mais quero eu saber? É pura, é nobre,
intelligente e bella... Ah! sem senão...

ELINA *(impressionada.)*

Quem lh'o assevera?

RAPHAEL

Um grande coração,
se outro lhe bate ao pé, logo o descobre.
Portanto escute-me agora,
escute e pense e decida,
mas pense bem, que uma hora
decide ás vezes da vida.
Diga, quer, minha senhora,
ser minha esposa?

ELINA *(coqueteando e com muita intenção.)*

De dia?...

RAPHAEL *(arrebatado.)*

De dia, sim, dia cheio
de luz, d'azul, d'alegria;
de sol suspenso no meio,
sem uma nuvem sombria...
Mas um dia, que se chama
a existencia inteira. É esse,
esse é o dia, que amanhece;

tu és o sol, que o derrama
e me dá luz e me aquece
e és a celeste harmonia,
que entre o silencio terrestre
n'um coração, que dormia,
acorda um echo...

ELINA *(atalhando com ar malicioso.)*

De um dia...
quando muito... *d'um semestre...*

RAPHAEL

Por Deus, não seja cruel;
responda...

ELINA

Pois bem, respondo.

RAPHAEL

Depressa, diga...

ELINA *(enleadissima, tremendo e hesitando.)*

Suppondo...

que o que me diz, Raphael,
é verdade, não... lh'escondo...
que me seria... bem doce
persuadir-me d'essa idèa...
mas... nunca me viu...

RAPHAEL

Sonhei-a.

ELINA

Não é possivel... Se fosse...
era bem feliz. Oh!... creia.

RAPHAEL

Ó Deus do céo! mas então...

ELINA

Escute. Ha muito, o conheço,
conheço-lhe o coração
e... mal sabe... com que apreço!...

RAPHAEL

És minha, és minha...

ELINA

Isso não...
Julga facil a conquista
e eu, a dizer a verdade,
dou-lhe razão, dou... em vista
da apparente leviandade
de tão extranha entrevista.
Pois bem mais facil ainda
vae julga-l'a, porque... veja...
se é o meu amor, que deseja...
esse amor...

RAPHAEL

Ventura infinda!
Minha!... és minha...

ELINA

Talvéz seja...
um dia...

RAPHAEL

Mas quando?

ELINA

Ignoro.

(Referindo-se á esposa que ella o vira phantasiar.)

Quando eu chegar a sêr — *Ella*.

RAPHAEL

Pois duvídas, minha estrella?...

Receio...

RAPHAEL

O que?

ELINA

Ser metheóro.

RAPHAEL *(admirando-a.)*

Como é gentil!! Como é bella!...

Diz-me o seu nome, quer?

ELINA *(preoccupada com o ruido de passos, que ouve e subindo.)*

Elina...

RAPHAEL

Helena.

ELINA *(assustada.)*

Vem alguem! ó meu Deus!

RAPHAEL *(áparte.)*

Grande animal!
Grande estupido! espanta-me a pequena...
(Alto.)
Não tenha susto, então? não vale a pena.
Disfarce-se outra vez e, se é leal,
(auxiliando-a)
espere-me um momento; eu vou, eu saio
para impedir de entrar o meu amigo.
Adeus.

ELINA *(outra vez no logar da mona.)*

Depressa, va, leve-o comsigo.
(Raphael sae F. E.)

SCENA V

ELINA e HELENA

HELENA *(descendo a Elina.)*

Não tenhas medo...

ELINA

Ai! n'outra é que eu não caio.

HELENA *(ao pé do fauteuil.)*

Troquemos. *(Sentem-os.)* Não ha tempo *(foge para o reposteiro.)*

SCENA VI

ELINA, HELENA, RAPHAEL e LUIZ

LUIZ *(de gravata preta, casaca abotoada e com uma gravidade triste.)*

Se eu te digo

que não posso ir ao baile.

RAPHAEL *(fallando baixo mas zangado.)*

Porque és bruto...
e porque és sempre o mesmo egoista emfim.

LUIZ

Porque não devo ; porque estou de lucto.

RAPHAEL

De lucto!!...

LUIZ

Sim, senhor.

RAPHAEL

Por quem?...

LUIZ

Por mim...
Resolvi suicidar-me...

RAPHAEL *(simulando a maior seriedade.)*

Sim?! e quando?

LUIZ

Em se acabando o lucto carregado.
Não pode ser depois, vae adiantado.
(Elma não consegue reprimir o riso.)
Tu não ouviste rir?...

RAPHAEL *(dissimulando e procurando arrasta-l'o para fóra.)*

Estás sonhando...
Acompanha-me ao menos um momento
e saberás um caso extraordinario.
Dou-te parte...

LUIZ

De que?...

RAPHAEL

De casamento.

LUIZ *(assombrado)*

Hein?... que?... tu?... casas?...

RAPHAEL

Caso-me.

LUIZ

Ó plagiario!
É tambem um suicidio. *(Afflictissimo.)* Coitadinho!
preciso aconselha-l'o já... *(Solemne.)* Mancebo...

RAPHAEL

Pois sim, mas ha-de ser pelo caminho.
Conselhos teus aqui não t'os recebo.

LUIZ

Pois bem, irei comtigo até á porta
e volto.

RAPHAEL

Vamos, anda.
(Saem os dois F. D.)

SCENA VII

ELINA e HELENA

ELINA

Até que emfim.
E então?...
(*Levantando-se.*)

HELENA (*senta-se e arranja-se como a mona.*)

Filha, são doidos...

ELINA (*como em monologo e sem olhar para a outra.*)

E o q'importa?
Se assim nos endoidecem? não é assim?
Oh! se fosse verdade o que elle diz!...
Se me tivesse amor!... se porventura
eu posso um dia á força de ternura
arrancar-lhe este grito «Oh! sou feliz!...»
(*Reparando.*)

Mas... o que fazes tu?...

HELENA

Então, menina!
Quero tambem ser mona um quarto d'hora.
Vou dar-lhe uma lição; vaes ver, Elina!...
Como elle paga, o que aqui disse agora,
o tal senhor, que adora a tempestade.
Esconde-te, vae tu para o meu posto.

ELINA

Mas se elle te não vê?

HELENA

Descança, que ha-de.
ha-de ver-me e gostar de ver-me, aposto.
Quando disseste o nome a Raphael,
elle entendeu Helena em vez d'Elina...

ELINA

Lá vem.
(Corre para a porta onde esteve Helena.)

HELENA

Olha, não mechas a cortina

e vê lá se te rís do meu papel.
(Sorrindo.)

SCENA VIII

HELENA, ELINA, LUIZ

LUIZ *(depois d'entrar e sentar-se.)*

Fiz mal não indo ao baile; estava já vestido...
talvez me distrahisse e tinha-o promettido
á condessa... Óra adeus aquillo até faz mal,
vêr aquelle prazer mentido, artificial!
Appetece gritar a toda aquella gente
«Aqui tudo é mentira; essa alegria mente.
(Levanta-se.)
«Pretendeis afogar em turbilhões de luz
«a carregada sombra enorme d'uma cruz;
«nas cadencias da orchestra alegres, provocantes
«o secreto pungir d'angustias lancinantes;
«n'um gesto, uma palavra, em cada olhar mentís
«e, se a apparencia o nega, a consciencia o diz.
«É falso, nunca esquece a dòr cá dentro; é falsa
«a febril embriaguez lasciva d'uma valsa.

«Se queres, multidão, á mascara feliz,
«com que enganaes ao par nas danças imbecís,
«se queres, endoidece; apraz-te? folga e dança,
«se podes arrancar a ensanguentada lança,
«que levas sempre, sempre em pleno coração.
Não póde, que é fatal; não póde, eu sei que não.
Eu sei que só na morte encontro o esquecimento,
no tumulo ou na cella estreita d'um convento.
Mas eu prefiro a cova; o muito jejuar,
(senta-se n'um dos braços da cadeira d'Helena)
tenho o estomago bom e póde-m'o estragar...
Depois... a igreja... a cêrca.... a cella solitaria...
e então, peior que tudo, a vida sedentaria,
que faz um mal do diabo!... E o frio?... a mim então
que, é bastante um arsinho, é — záz — constipação.
Frio d'igreja! horror!... Só d'uma vez nas Monicas,
que eu saiba, apanhei eu duas bronchites chronicas.
Nada, o sepulchro, a morte, o somno eterno. Sim,
só isto — um somno eterno! eterno — para mim,
que morro por dormir!... E tenho um rico somno!
Uma questão d'estudo... E depois não resomno!
(Levantando-se.)
Levei isso em capricho e pude conseguir!
de proposito ainda ás vezes a dormir
acordo de repente a vêr, se um dia chego
a ouvir-me resomnar... Qual!!... sempre um socego!...
Óra o Raphael, coitado!
cuida, que eu fiquei á espera...
E o tal mysterio?... Casado!!...

(Pensando alto.)
Pois sim... Mas dá-me cuidado...
Um casamento... podera!...
E deu-lhe volta ao miòlo!...
Mas onde foi, que elle a viu?...
E eu inda a scismar! que tôlo!
(Rindo.)
Foi o Xerez que subiu...
Vou descançar um bocado
(encaminha-se para o quarto da cama)
na cama d'elle... É famosa
e eu estou assim... fatigado...
(Entra na alcova d'onde Raphael trouxe o travesseiro e sae logo.)
E o travesseiro? *(Lembra-se e ri.)* Coitado!
(olhando a mona)
era a noiva mysteriosa!
(Ri.)
Agora... é isso... a tal scena
(aproxima-se rindo)
de uma terna companheira
e uma filhinha pequena...
(Ri muito e cançado de rir falla ao pé de Helena, mas voltado para o F.)
Pois rapto-te... a travesseira,
desgraçado...
(E sem olhar pega em Helena como se fosse um travesseiro. Recua assombrado.)
Helena!!!... Helena!!!...

HELENA *(com muita distincção.)*

Ah! Senhor Dom Luiz de Mello,
saudo a vossa excellencia...

LUIZ

É um sonho... um pesadêlo...

HELENA *(levantando-se.)*

Muito estimo conhece-l'o.
Cahi n'uma somnolencia,
(estende-lhe a mão)
que não me deixou senti-l'o,
quando entrou... Peço perdão...
(Reprehensão elegante)
estendi-lhe a minha mão...

LUIZ *(estende-lhe a mão machinalmente.)*

N'esse caso... tudo aquillo...
(Tremulo)
do casamento era então...
(Com raiva.)

HELENA *(muito natural e agradavel.)*

Ah!... falla do seu amigo?...

LUIZ *(com riso de raiva.)*

Sim... fallo de Raphael...
esse infame... o vil... que digo?...
(Furioso, não achando expressão, cambia de repente e como em principio do áparte mostrando a maior satisfação por ter emfim paixões a valer.)
Cá está de volta comigo
o ciume!... Um lapis?... Papel?...
(Buscando lapis e papel na secretaria.)
Quero aproveitar o jacto.
(Enthusiasmadissimo.)
Isto vae vir em caudaes
impetuosas, collossaes!
O odio! O amor! O ciume!... Exacto,
as grandes paixões fataes!!...

HELENA *(representando grande susto e rindo occultamente.)*

Oh! senhor o que procura?
Parece-me allucinado!...
Busca um punhal? Desgraçado,
quer matar-se por ventura?

LUIZ *(com sincero interesse.)*

Busco um lapis aparado

e um papel, minha senhora.

HELENA

Sinto devéras não te-l'o...

LUIZ *(achando o lapis.)*

Aqui está... Falta incende-l'o
na chamma, que me devora.
Vaes vêr, Desdemona, agora
a nova edição d'Othello.
Mas não te mato, descança.
O ciume, segundo eu penso,
não quer morte, quer vingança,
porque, falta-lhe a esperança,
mas é inda amor immenso.
O grande Shakspeare ha-de,
do alto do seu throno eterno,
reconhecer n'este inferno,
que aqui tenho, mais verdade
no Othello d'hoje, o moderno.
(Tragicamente.)
Não, não quero estrangular-te.
nem matar o meu rival,
nem ha sangue, que me farte...
ao contrario vaes ter parte
na minha gloria immortal...
Maldita, que amei, maldita,

abandonas-me?... Pois bem;
não verás minh'alma afflicta...
não... porque até me convem
cá por cousas... acredita.

HELENA *(arrebatada.)*

Escuta, escuta, malvado.
Tu nunca me conheceste.
Eu venho a ser o enviado
d'um destino teu...

LUIZ

Celeste?

HELENA

Não; infernal...

LUIZ *(apertando-lhe a mão.)*

Obrigado.

HELENA

Eu nunca te amei.

LUIZ

Então,
porque me fazia d'olho?

HELENA

Eu tenho a minha missão...
Não amo; prefiro, escolho
a quem mate de paixão.
(Elevando muito a voz.)
E és tu, és tu, preferi-te...
Sabes, porque te prefiro?...
Não sou mulher...

LUIZ

Mas não grite.
(Áparte)
Não é mulher, é um tiro
e tiro de dynamite.
(Alto.)
Não é mulher a menina?!!!
Então... temos conversado.

HELENA

Eu sou a luz, que fulmina,
que mata, quando illumina
e tu és o fulminado.

Sou filha da tempestade,
por isso a adoro.

LUIZ *(ancioso.)*

O que dizes?...

HELENA

Sou um monstro.

LUIZ *(enthusiasmado e anciosissimo.)*

Isso é verdade?!...

HELENA

A minha felicidade
faço-a fazendo infelizes...
Descendo talvez d'um Nero.

LUIZ *(áparte e doido d'enthusiasmo.)*

Que mulher!... nem d'encommenda!...
É justamente o que eu quero.

HELENA

Foge-me...

LUIZ

Deus me defenda.

HELENA

Sou a dor, o desespero...

LUIZ

És o meu destino e basta,
a minha estrella,

HELENA

E se for
a tua estrella nefasta?

LUIZ

Q'importa, se ella se engasta
n'um ceo immenso d'amor?

HELENA

Queres então pertencer-me?

LUIZ

Se quero? Já te pertenço.

HELENA

Pensa bem.

LUIZ

Sinto, não penso.
Rendo-me docil, inerme
ante o teu poder immenso.

HELENA

Se é a paz do lar, que procuras...

LUIZ

O que dizes? Eu! buscar
essas fanadas ternuras!...
Sou das almas rijas, duras.
Quero a lucta até no lar.

HELENA

Ainda uma vez escuta.
Sou má... como eu mesma ignoro...

LUIZ

Amo-te.

HELENA

E sei, que peióro.

LUIZ

E eu mais te amo.

HELENA

Adoro a lucta!
Um monstro!...

LUIZ *(enlevado na ventura.)*

Um monstro! eu te adoro.

HELENA

Portanto caso comtigo,
porque adoro Raphael;
é com tempo que t'o digo.

LUIZ *(depois d'hesitar, contrariado e seccamente.)*

D'accordo. *(A'parte contente.)* Um ciume cruel
e o odio contra um amigo...
Sim, com estes elementos

consiga alguem ser feliz!...
Que lucta de sentimentos!...

HELENA *(seccamente.)*

Vem a ser dois casamentos,
que eu faço.

LUIZ

Dois!... Hein?... que diz?...

HELENA

E que t'importa, o que eu digo?...
Aqui tens a minha mão.
(Estende-lhe a direita.)

LUIZ *(radiante e apaixonado.)*

Oh!... minha noiva!...
(Beija-lhe a mão.)

HELENA *(dando-lhe com as costas da mão no nariz.)*

Isso é antigo.

LUIZ *(não gostando da graça.)*

Fez-me o nariz como um figo!...

HELENA

Primicias d'amor.

LUIZ

Serão.
Leve o diabo taes primicias...

HELENA *(trahindo esperança e anciedade.)*

Quer-me então meiga?

LUIZ

Podera...

HELENA *(mostra intima alegria e depois representando um ataque de furia, de que a occultas ri ao mesmo tempo, cresce para elle com os dentes cerrados e as mãos, como para o agatanhar.)*

Pois, meu caro noivo, espera;
vaes ver nas minhas caricias,
que es noivo de uma panthera.

LUIZ *(recuando.)*

Mau, mau... que é já demasia,
minha senhora.

HELENA *(ironicamente.)*

O que diz?
E a guerra, a lucta?!...

LUIZ

Eu queria
e quero ser infeliz;
mas, quanto a pancadaria,
supprimo-a do meu programma.

HELENA *(escutando.)*

Elle, ahi vem...

LUIZ

Raphael?...
Venha o traidor, o infiel...
(Agitando-se, preparando-se para uma scena terrivel.)
Todo o meu sangue s'inflamma!...
Vou ser terrivel, cruel!...

HELENA

Onde hei-de occultar-me?
(Entra na porta onde entrou Elina.)

LUIZ

Alli...
depressa. *(Prepara-se.)* Vamos agora.
(Natural.)
O que é extranho, é que, por óra,
o genio, se deu de si,
ainda não deitou fóra!!!

SCENA IX

Os mesmos e RAPHAEL

RAPHAEL *(fatigado.)*

Logo vi, que bello amigo!...
Muito bem m'esperaste! hein?!...
(Depois d'olhar para o fauteuil.)
Não estava aqui ninguem,
quando chegaste?

LUIZ *(solemne.)*

Eu lhe digo.
Sim, senhor, estava alguem.
Refere-se ao travesseiro,
não é assim, *(com força)* farcista, vil?
(Áparte.)
Vou carrega-l'o primeiro
de mil epithetos, mil!...
(Alto.)
Infame, torpe embusteiro!

RAPHAEL

Com que ainda n'esse estado?!...
que tal foi ella!...

LUIZ

Pois ousas,
miseravel, scelerado,
suppor-me ainda toldado
et cætera e tal e couzas?...
Estou sim, mas de ciumes.

RAPHAEL

Ciumes!!!...

LUIZ

Sim, pois então?...
o ciume tolda a razão
mais, que o vinho! já presumes
a força d'esta paixão.
Nem o Cognac! nem o Absintho!

RAPHAEL *(pensando alto.)*

Ciumes!... sim... a pequena
disse-me chamar-se...

LUIZ

Helena...

RAPHAEL

E é a mesma?!!...

LUIZ *(secamente.)*

A mesma...

RAPHAEL

Oh! mas sinto;
palavra, que tenho pena!

Mas... espera ; tu dizias,
que ella te adorava?!

LUIZ *(seccamente.)*

Sim...
enganei-me...

RAPHAEL

E preferias
inspirar-lhe antipathias
e ser despresado emfim !

LUIZ

E esses meus fins consegui-os.

RAPHAEL

Mas tudo então se combina.
Eu caso e tu imagina...

LUIZ

Sim, que fico a vêr navios
no alto de Santa Cath'rina...
Obrigado ao meu amigo.
Pois está muito illudido ;

entre o traidor e o traido,
ha-de o traidor ter castigo
vendo o outro preferido.
Este é o teu castigo, infame
(áparte)
e tambem talvez o meu,
(alto)
foi a mim que ella escolheu.
Ama-te? embora; pois ame.
O noivo d'ella sou eu.
(Áparte.)
Qual demonio! qual Othello!...
não vem nada! É do pigarro.
Vou exaltar-me. *(Com força.)* Um duello.
Quero matar-te...

RAPHAEL

Estás bello!...

LUIZ *(indignado.)*

Patife... *(Muito natural.)* Dá-me um cigarro

RAPHAEL

Não tenho. Charutos, queres?

LUIZ

Pois sim. Cousa que se fume.

(Outra vez exaltado.)
Nunca pensei, que o ciume
fosse este inferno! oh! mulheres!...
(Morde o charuto.)
e oh! amigos!... *(Naturalissimo.)* Dá cá lume.
(Indignado e accendendo o charuto no de Raphael.)
E agora, falla, bandido...

RAPHAEL

Pois bem; não faço, mysterio.
Tu és um doido varrido,
não posso, está decidido,
sacrificar-te o que é serio.
Depois... o amor não recua
e eu amo-a já fatalmente...
Confundiu-se de repente
toda a minh'alma na sua;
formâmos ambos um ente,
uma vida indivisivel
e, se a perdesse algum dia,
talvez durasse a agonia,
mas a vida era impossivel
perdendo, quem m'a vivia.
Porque até foi maravilha,
milagre da providencia!...
É que, ao sonhar uma filha
e uma esposa na existencia,

no intimo d'alma pedi-lh'a
e de repente encontrei-a
aqui mesmo no momento,
era já presentimento!
em que a esboçava d'ideia
na téla do pensamento.

LUIZ *(ouvindo-o com crescente despeito.)*

Então! então! e que tal!...
(Áparte rapido)
eu que me exforce e me arroge
em busca do estro e afinal
o estro de mim é que foge
e acode áquelle animal,
áquelle estupido!... É bôa!...
E como elle então se affoita
a fallar assim á tôa!...
É a inspiração!... elle achou-a
e eu por mais que faça — *moita!...*
(Para Raphael.)
Pois muito bem; que decida
ella mesma entre nós dois;
mas juremos, que depois,
o que a perder, se suicida.

RAPHAEL

E no outro mundo, tolinho,

que has-de tu fazer sem mim?...
Se lá houver um *Martinho*,
um *Price*, um *Wythoine*, emfim,
has-de andar por lá sósinho?!...

LUIZ *(impressionado.)*

Isso tambem é verdade...

RAPHAEL

Mais tu, que andas sempre em bulhas!
Se fores preso, quem ha-de
ir arrancar-te ás patrulhas
e fallar á auctoridade?

LUIZ

Tens razão n'isso, mas olha,
que o seu desprezo é peior...
Por tanto, seja o que fòr;
é preciso, que ella escolha.
Anda cá, faze favor.
(Leva-o pela mão; colloca-o a um lado da porta onde entraram as duas, indicando que estenda a mão direita para o reposteiro, fazendo elle o mesmo do outro lado do reposteiro.)
Colloca-te aqui assim,

estendendo a mão direita;
e eu d'este lado.

RAPHAEL

Pois sim;
mas que vem a ser emfim?

LUIZ

Vaes saber qual ella aceita.
(Fallando para lá dentro.)
Helena, tens comprehendido?

RAPHAEL *(comprehendendo.)*

Pois aqui dentro...

LUIZ *(para Raphael.)*

Está ella.
(Para Helena.)
D'estas mãos escolhe aquella
do que ha-de ser teu marido.
Não confundas, hein?... cautella.
(Helena, por um lado do reposteiro, põe a mão na de Luiz; Elina faz o mesmo a Raphael.)

RAPHAEL *(sorrindo a chacotear e quasi cantando.)*

Eu... sou eu...

LUIZ *(certo de que vencia e no tom de Raphael.)*

Sou eu, está visto.

RAPHAEL *(achando-o ridiculo.)*

Como, és tu?...

LUIZ *(victorioso, mostrando-lhe na sua a mão de Helena.)*

Sim aqui está...

RAPHAEL *(surprehendido e mostrando na sua a mão d'Elina.)*

Quer então dois?

LUIZ *(vendo e espantado.)*

Que?... Será?...

RAPHAEL

Pois o que quer dizer is'o?

LUIZ *(contrariadissimo.)*

Esta agora não é má.
Com isto não se graceja...
Sim, perdão, minha senhora,
mas é preciso, que eu veja,
para acreditar...
(Puchando-a delicadamente.)

HELENA *(entrando com Elina.)*

Pois seja.
E que nos dizem agora?...

RAPHAEL *(amorosamente para Elina depois do seu espanto ao vêr duas.)*

Helena!...

HELENA *(deixando Luiz.)*

Esse nome é o meu.

RAPHAEL *(a Elina.)*

Mas... disse-me, ha um momento...

ELINA

Elina — e não m'entendeu.

Agora é que lhe apresento
minha prima Helena...

RAPHAEL

E eu
q'imaginava... Perdão,
(apertando a mão d'Helena)
tenho um prazer infinito...

HELENA *(apertando-lhe a mão.)*

Em vêr sua prima, não?...

RAPHAEL

Sim, minha prima...

HELENA

Acredito,
que eu sei, que tem coração.
(Passa a Luiz.)

ELINA *(muito ingenua.)*

Devéras?...

RAPHAEL *(apaixonado.)*

Ó minha Elina,

não ha ninguem mais feliz.

ELINA *(commovida.)*

Raphael...
(Ficam conversando a 1 e 2 abaixo do piano.)

HELENA *(a Luiz.)*

E em q'imagina
o meu poeta?

LUIZ *(fulminado pela apparição de Elina, que lhe revella a verdadeira paixão de Raphael, tem ido sentar-se D. B. contrascenando a indicar profundo desgosto e responde com despeito.)*

Em que a menina
não é nada do que diz...
Enganou-me... É terna, é boa,
amavel, condescendente,
bom coração... finalmente
uma excellente pessoa
em tudo, em tudo excellente,
até na semsaboria...
(Como em monologo.)
Eram já... ciumes, amor

a lucta... o inferno... a poesia.
Lembra-se aquelle senhor,
e é por fazer-me arrelia,
lembra-se de amar Elina...
lá vae tudo...

RAPHAEL *(a outro lado com Elina, ou passeiando.)*

Fazem flores!...

ELINA

Sim flores e renda fina.

RAPHAEL

Faço ideia dos primores
d'essa mão tão pequenina!...

ELINA

E assim vivemos... Helena
deu lições de canto e piano,
mas, no fim de meio anno,
viu, que não valia a pena...

LUIZ *(atrapalhado vendo Helena impressionada.)*

Perdoe-me o desengano...

HELENA *(reprimindo o choro.)*

Eu?!...

LUIZ *(áparte, muito condoído mas zangado por se condoer.)*

Então não está chorando!!...
Bonito!... aturem lá isto!...
(Commovido.)
Cá vem já! pois está visto.
(Cada vez mais.)
Cá vem um affecto brando!...
Porque eu então não resisto
(tremendo-lhe a voz)
em vendo chorar alguem...
(Alto.)
Mas... Perdão, minha senhora...
(Quasi chorando)
não chore. *(Aparte.)* Mau, que lá vem!...

HELENA

Não é chorar...
(Engulindo as lagrimas.)

LUIZ

É sim... chora...

Pois olhe... eu choro tambem.
(Chora alto.)

RAPHAEL *(indo a Luiz em quanto Helena passa vagarosamente para Elina.)*

Então? que é isto, Luiz?!
fizeste chorar Helena?!...

LUIZ *(sempre chorando.)*

Fiz, sim! a pobre pequena!...
e agora, depois que o fiz,
tenho pena... muita pena...
(Encaminhando-se vagarosamente para Helena, que chora abraçada a Elina.)
Mas foi bom... porque este pranto,
que me cae no coração,
ensinou-me a ver, que tanto
e tanto amor e tão santo
nem é amor, é adoração.
Perdoa-me?...

HELENA

Oh! Se perdôo.

LUIZ

Amo-te!...

HELENA *(ainda soluçando.)*

Eu não presumia,
que eras ave tão bravia...
Eu te cortarei o vôo.

SCENA X

Os mesmos e HENRIQUETA

HENRIQUETA *(assombrada.)*

Santo nome de Maria!...
Valha-me Nossa Senhora!...
Que fazem aqui meninas?...
(Indo a ellas e protegendo-as como contra dois bandidos.)
Depressa. Vamos embora.
(Aparte.)
Lá vae tudo!... Sim agora
lá vae...

RAPHAEL

Nem tu imaginas,

quanto a proposito vens!...
Chegas no melhor momento.
(Tomando as mãos d'Henriqueta e muito affectuosamente.)
Que os filhos no casamento
querem as benções das mães
e eu, não sou por nascimento,
mas sou teu filho adoptivo.

HENRIQUETA

E Deus sabe, se eu lhe quero
com amor de mãe sincero,
se por outro amor eu vivo,
se o adoro, se o venero...
Mas isso tudo que tem
com casamento?

RAPHAEL

Eu te digo.
Peço-te a benção de mãe,
porque estou noivo...

HENRIQUETA

E com quem?!...

HELENA

Com Elina...

ELINA

Sim, commigo...

LUIZ *(tomando a mão d'Helena.)*

E eu com esta...

HENRIQUETA

Seriamente?.

RAPHAEL

Nada mais serio. Que dizes?

HENRIQUETA

Casar... assim... de repente!...
São doidos!...

ELINA

Vamos, consente
em que sejamos felizes?...

HENRIQUETA

E eram, sim, felizes... sei-o
eu, que a todos os conheço
e que sei dar-lhes o apreço...
Por isso mesmo não creio
n'estes doidinhos, confesso.
Ámanhã nenhum dos dois
já pensa n'isto... Qual pensa!!...
E, quem paga a differença,
são as meninas depois...

RAPHAEL

Finalmente dás licença?

HENRIQUETA

Lá isso dava, menino...
Deus sabe com que vontade!...
Só eu conheço a bondade
de todos quatro e imagino,
se era ou não felicidade.

RAPHAEL

Abraça-nos pois...
(Indo com Elina pela mão a Henriqueta, que muito commovida os aperta n'um longo abraço.)

LUIZ *(pegando na mão d'Helena vae a Henriqueta.)*

Depressa,
que nós queremos tambem.

HENRIQUETA *(abraçando Luiz e Helena como abraçára os outros.)*

Venham cá, venham...

RAPHAEL

Pois bem;
como temes, que m'esqueça,
vou já pedi-l'a a sua mãe.
(Sahe com Elina e Henriqueta ameaçando sahida D. A.)

LUIZ *(subindo tambem dois passos um pouco levado por Helena, que depois o deixa e sahe para o lado d'Elina D. A.)*

Eu então vou na corrente.
Attrahe-me o abysmo. Decide-o
o destino... e... Finalmente
é mais lento este suicidio,
mas é melhor... e mais quente...

RAPHAEL *(Deixando Elina e Henriqueta proximas da porta D. A. desce a Luiz fallando primeiro para elle e depois para todos, tendo as tres damas descido um pouco.)*

A vida não é mais que rapida vigilia
na noite do infinito; a ephemera illusão
prolonga-se porem, chamando-se — Familia,
entre os filhos, que vem e as mães e os paes... que vão.

CAE O PANNO

A mantilha de renda quando foi representada em D. Maria soffreu os seguintes cortes, que o auctor não julga indispensaveis.

Verso 8.º a 11.º, 16.º a 19.º, 24.º a 27.º, pagina 27.

A ultima quintilha, pag. 29.

As tres primeiras quintilhas, pag. 30.

As duas primeiras quintilhas, pag. 51.

«E sentir-lhe a mão de neve», até ao fim da falla, pag. 95 e 96.

ADVERTENCIA

Ao leitor, que não tenha conhecimento de Lisboa, convirão os seguintes esclarecimentos:

Martinho. — De que por vezes se falla na comedia é o nome do *Café* mais importante de Lisboa, situado no largo de Camões, ao lado do theatro de D. Maria II.

Wythoine. — É a denominação mais geral do Jardim de Recreios situado na quinta do sr. marquez de Castello Melhor.

Price. — É o nome de um Circo situado na rua do Salitre.